

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Licenciatura em Educação do Campo
Ciências Sociais e Humanidades

Renildo Ferreira Rodrigues

**EDUCAÇÃO DO CAMPO EM TEMPOS DE PANDEMIA: um estudo sobre as
práticas pedagógicas na educação básica**

Belo Horizonte – MG
2023

Renildo Ferreira Rodrigues

EDUCAÇÃO DO CAMPO EM TEMPOS DE PANDEMIA: um estudo sobre as práticas pedagógicas na educação básica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do grau de licenciado em Educação do Campo, na habilitação em Ciências Sociais e Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Giavara

Coorientador: Prof. Me. Danilo Marques Silva

Belo Horizonte – MG
2023

À toda minha família, em especial a meu pai Rogério, minha mãe Dagmar e meus irmãos Júlio César e Daniele que me apoiaram e me incentivaram durante cada passo nessa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder e permitir esta conquista.

Aos meus pais e aos meus irmãos pelo apoio e incentivo a todo momento.

À minha orientadora Profa. Dra. Ana Paula Giavara e ao meu coorientador Prof. Me. Danilo Marques Silva pela paciência, dedicação, respeito e orientação durante cada etapa desta pesquisa.

À banca de qualificação e defesa, Profa. Dra. Débora Mariz, pelas importantes considerações e sugestões apontadas.

Aos dois professores que aceitaram e concordaram em participar das entrevistas na construção desta pesquisa.

À minha companheira Nicole Irviny dos Santos Monteiro por todo apoio prestado durante minha trajetória acadêmica.

À ex-aluna do LeCampo, Roseni de Fátima pelo apoio desde o início da minha carreira no curso, mas principalmente no processo de escrita do TCC.

Aos professores e monitores do curso de Licenciatura em Educação do Campo pelos conhecimentos compartilhados.

Aos colegas da CSH/2019, em especial ao Patrique Antônio Soares de Queiroz , ao Henrique Antônio Soarez de Queiroz, à Thaís Almeida Araújo e à Amanda Tamires Bernardo que me deram total apoio após o meu retorno ao curso.

A todos que de alguma maneira, contribuíram para a realização deste trabalho.

A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê." (Arthur Schopenhauer)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo explorar a Educação do Campo no contexto da pandemia Coronavírus (2020-2022), por meio de uma investigação desempenhada na Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel, situada na comunidade rural de Carioca, no município de Piranga-MG. Assim, busca identificar e problematizar as práticas pedagógicas adotadas pelos professores durante o período de distanciamento social imposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o que permitiu a continuidade do ano letivo sem levar riscos aos sujeitos da escola. Tratava-se do Ensino Remoto Emergencial (ERE). Foram entrevistados dois docentes da escola, um mais experiente e outro novato, levando em consideração seus processos formativos, os recursos tecnológicos disponíveis, bem como se houve ou não oferecimento de capacitação a esses profissionais de uma Escola do Campo.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas, Pandemia, Educação Básica, Educação do Campo.

ABSTRACT

This work aims to explore Rural Education in the context of the Coronavirus pandemic (2020-2022), through an investigation carried out at the Francisco Ferreira Maciel State School, located in the rural community of Carioca, in the municipality of Piranga-MG. Thus, it seeks to identify and problematize the pedagogical practices adopted by teachers during the period of social distancing imposed by the World Health Organization (WHO), which allowed the continuity of the school year without taking risks to the school subjects. It was Emergency Remote Teaching (ERE). Two teachers from the school were interviewed, one more experienced and the other a novice, taking into account their training processes, the technological resources available, as well as whether or not training was offered to these professionals at a Rural School.

Keywords: Pedagogical Practices, Pandemic, Basic Education, Rural Education.

LISTA DE ABREVIações

COVID-19	Corona Vírus Disease - 2019
CSH	Ciências Sociais e Humanidades
EEFFM	Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel
EFA	Escola de Família Agrícola
EJA	Educação para Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ERE	Ensino Remoto Emergencial
GESTRADO	Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JEMG	Jogos Escolares de Minas Gerais
KM	Quilômetro
LAL	Linguagens, Arte e Literatura
LECAMPO	Licenciatura em Educação do Campo
MEC	Ministério da Educação
MG	Minas Gerais
OMS	Organização Mundial da Saúde
PET	Plano de Estudo Tutorado
PT	Partido dos Trabalhadores
SEE/MG	Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais
SEDESE	Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social
SISU	Sistema de Seleção Unificada
UBS	Unidade Básica de Saúde
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: A CIDADE DE PIRANGA: HISTÓRIA E CULTURA.....	17
1.1 Caracterização da escola a ser pesquisada	21
1.2 A comunidade de Carioca	24
CAPÍTULO 2: SOBRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	26
2.1 Contextualizando a Educação do Campo.....	26
2.2 As práticas pedagógicas no contexto da pandemia.....	29
CAPÍTULO 3: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA E.E. FRANCISCO FERREIRA MACIEL EM TEMPOS DE PANDEMIA	33
3.1 Percurso Metodológico.....	33
3.2 Aspectos gerais	36
3.3 Local das entrevistas	39
3.4 Análise de dados coletados.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICES.....	54

INTRODUÇÃO

A produção desta monografia partiu da inquietação pela busca em compreender os impactos deixados sobre o processo de ensino e aprendizagem nas práticas pedagógicas levando em consideração a realidade do Brasil diante da desigualdade social enfrentada pelas Escolas do Campo na Educação Básica.

Meu nome é Renildo Ferreira Rodrigues, tenho 23 anos de idade e sou natural do município de Piranga, uma pequena cidade localizada na Zona da Mata a 169 Km da capital mineira próximo às cidades de Viçosa, Mariana e Ouro Preto.

Sou o filho mais velho dos três que compõem a família, acompanhado do meu irmão do meio Júlio César Ferreira Rodrigues de 19 anos e da caçula Daniele Ferreira Rodrigues de 9 anos. Meu pai se chama Rogério de Assis Rodrigues, tem 50 anos de idade, possui quatro irmãos e trabalha informalmente como pedreiro, profissão passada de geração para geração em nossa família. Minha mãe se chama Dagmar Ferreira Rodrigues, tem 42 anos de idade e possui 9 irmãos vivos, ainda quando era criança aos 13 anos de idade perdeu sua mãe vítima de um Acidente Vascular Cerebral (AVC) e alguns irmãos com o passar dos anos que somavam 15 filhos juntos no total, por este fato teve de aprender a trabalhar e a ser independente muito nova, já que seu pai trabalhava muito nas redondezas para sustentar os filhos. Minha mãe nunca trabalhou fora de casa, estudou até completar quarta série e depois disso sempre atuou cuidando dos afazeres de casa e na agricultura familiar. Meus pais sempre tiveram um vínculo muito forte com o campesinato, minha mãe é apaixonada por animais e meu pai nunca perdeu o hábito de cultivar suas plantações e de cuidar do seu gado.

Meu pai frequentou a escola somente até a quarta série, naquela época não haviam muitas escolas em minha cidade que ofereciam um grau de

escolaridade maior que esse. Assim que completou a quarta série já começava a trabalhar seguindo os ensinamentos do meu avô, como seu ajudante em obras e guiando carros de bois em épocas de plantio. Meu avô paterno é um homem muito inteligente, sempre trabalhou como pedreiro, carpinteiro e sempre gostou de trabalhar com produção e reforma de materiais feitos de couro de boi, como chicotes, celas, laços, etc., mas meu pai nunca gostou de trabalhar com isso pois dizia que dava muito trabalho e ele não tinha paciência.

Afim de não perder essa tradição familiar que foi ensinada pelo seu pai, meu bisavô, o meu avô se preocupava em ensinar essa tarefa para mim e meus primos, pois em nossa comunidade não haviam muitas pessoas que sabiam trabalhar e manusear o couro de boi para a produção desses artefatos. E eu via ali a oportunidade de conseguir minha primeira fonte de renda, logo aos treze anos de idade, assim que eu chegava da escola saía correndo para casa do meu avô para sairmos pelas pastagens e matas em busca de madeira, especificamente o “mulato”, uma espécie de ipê amarelo que não cresce muito e não engrossa o caule, além de ser muito resistente e ideal para fazer os cabos dos chicotes. Em seguida voltávamos para a casa dele e íamos cortar o couro e deixá-los de molho para ser trançado no dia seguinte e depois de prontos os chicotes eram levados para o bar que meu pai e meu tio tinham em sociedade para serem vendidos lá a R\$ 8,00 cada.

Embora fosse considerado por muitos, uma prática chata para se realizar devido à grande demanda de tempo e detalhes em sua produção eu ainda adorava realiza-la junto do meu avô e do meu primo que também tinha a mesma idade que eu. Assim que chegávamos da escola e terminávamos de cumprir as tarefas de casa e as atividades da escola íamos correndo para a casa do meu avô para ajuda-lo na produção. De início, começávamos cortando o couro em tiras de aproximadamente 8 centímetros de largura e 2 metros e meio de comprimento para depois corta-las novamente em tiras de 2 centímetros de largura para fazermos as denominadas “correias” que seriam trançadas. Antes de recortar as correias era preciso fazer a raspagem do couro, retirando o excesso de pelo contido no couro e depois corta-lo e o deixar de molho em tambores com água por algumas horas para que o couro ficasse mais macio para trança-lo no dia seguinte. Enquanto o couro ficava de molho,

aproveitávamos o tempo para buscarmos madeira para fazer os cabos dos chicotes. Esta sim era a parte mais trabalhosa do serviço, pois não é qualquer madeira que serve para usarmos como cabo para sustentarmos as tranças do couro, então sempre íamos em busca de uma madeira específica, em nossa região as árvores de ipê são muito comuns principalmente o ipê amarelo. Aqui existem duas variedades de espécies desta árvore a qual popularmente conhecemos como “mulatão” que seria a árvore do ipê tradicional que muitos conhecem e o “mulato” que seria uma espécie da árvore que não engrossa o caule e também não cresce muito. Essa é ideal para a fabricação dos cabos, pois se colhida no tempo certo fica na espessura de um cabo de vassoura aproximadamente e não é pesado para carregá-lo. Após encontrar os cabos é preciso descasca-los, pois eles possuem uma grossa casca áspera que pode ferir as mãos de quem os manuseia, para isso basta acender uma fogueira de e coloca-los dentro por pouco tempo, rapidamente o caule começa a se desgrudar da casca e com a ajuda de uma faca é possível retirá-la facilmente e depois basta cortá-los no tamanho desejado.

Após os cabos cortados é feito um furo na parte superior onde vai passar a correia a ser trançada antes de finalizar o processo. Após a correia amolecer na água de molho de um dia para outro basta trançá-la seguindo uma simples sequência assim como são feitas as tranças nos cabelos de mulheres e homens, a única diferença é que as tranças feitas no cabelo geralmente se separam três montinhos de cabelo com mais ou menos o mesmo tanto de cabelo e as tranças feitas em couro são trançadas com quatro, oito, doze ou dezesseis correias, sendo a trança de quatro correias a mais tradicional.

Com relação a escola, sempre tive uma ligação muito forte com os estudos e meus pais sempre me incentivaram muito, desde criança sempre brincava de escolinha junto com meus primos pelos quintais de nossas casas. Logo aos seis anos de idade, no ano de 2006 mais especificamente, meus pais decidiram me matricular em uma escola que fica a mais ou menos 5 km da minha comunidade denominada Escola Municipal de Lagoinha, a escola era bem pequena e só oferecia o ensino fundamental I, por isso só possuía quatro salas fazendo com que algumas turmas tivessem que dividir a mesma sala, ou seja, sempre havia turmas estudando de forma multisseriada. Naquela época não

havia transporte escolar disponível para aquela escola e por isso até que esse direito nos fosse concedido nós íamos e voltávamos caminhando para a escola.

Apesar de ser uma escola muito pobre financeiramente, ainda conseguia proporcionar uma boa qualidade de ensino aos alunos devido à dedicação das professoras que atuaram ali por muitos anos. Por ser uma escola pequena e também por possuir turmas com poucos alunos, as professoras eram muito severas e cobravam muito a disciplina em sala de aula, isso fez com que quase todos os alunos desenvolvessem um ótimo condicionamento escolar até mesmo depois de serem transferidos a outras escolas. No ano de 2010 concluí meu 5º ano naquela escola e fui matriculado na Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel que se localiza na comunidade de Carioca na Zona Rural da minha cidade. Esta escola se localiza mais perto da minha casa, no entanto, muitos pais assim como os meus tinham muito medo de matricular seus filhos lá devido a uma má fama que a escola carregava, mas isso se devia ao fato de a escola possuir um número muito maior de alunos e conseqüentemente possuir mais alunos desordeiros e brigões. A estrutura desta escola é muito maior, possui diversas salas, quadra poliesportiva, campo de futebol e atualmente é ofertado o ensino médio completo na escola.

Nos meus anos iniciais nessa escola eu era muito criticado pelos colegas de sala por ser muito quieto e calado, isso porque não era acostumado com turmas tão agitadas assim na minha antiga escola, onde o comportamento dos alunos era rigorosamente cobrado pelas professoras. Durante cerca de três anos minha turma foi considerada a pior turma da escola, toda semana havia uma reunião entre pais, professores e a diretora para tratar sobre nosso comportamento em sala de aula. Até o oitavo ano minha turma era a maior turma da escola, eram aproximadamente de trinta e dois alunos, mas devido ao desinteresse, às reprovações e às transferências aos poucos ela foi diminuindo. Minha turma seguiu com 19 alunos no ensino médio inteiro e no dia 16 de dezembro de 2018 foi realizada nossa formatura na escola com direito a confraternização e viagem para a praia durante cinco dias em Guarapari no Espírito Santo com recursos arrecadados por nós mesmos durante o ano todo.

Assim que me formei na escola fui trabalhar em uma madeireira aqui na minha cidade, saí da casa dos meus pais e fui morar sozinho durante um

período, no entanto não deu muito certo, por motivos financeiros a empresa acabou enfrentando uma crise financeira e a turma de funcionários foi cortada pela metade, como eu era muito novo na empresa acabei sendo despedido também e voltei a morar com meus pais, onde comecei a trabalhar com ele novamente como servente durante alguns meses. Nesse intervalo ele me ensinou muita coisa e como eu sempre me esforçava para aprender tudo, logo já estava trabalhando como pedreiro aprendiz na minha cidade. Até que no mês de maio recebi a notícia de uma professora da escola que estudei que tinha conseguido uma bolsa no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LeCampo) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A Licenciatura em Educação do Campo (LeCampo), é um curso de graduação para a formação de professores em quatro áreas, sendo elas Matemática, Ciências da Vida e da Natureza, Língua Arte e Literatura e Ciências Sociais e Humanidades, exclusivamente para alunos que possuem vínculos com o Campo. O ingresso no curso acontece através do Sistema de Seleção Unificada (SISU), em que o candidato deve realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e após alcançar a nota de corte deverá lançá-la no sistema manifestando seu interesse na área, é necessário também que o candidato redija a mão uma carta de intenções destinada a instituição a qual deve ser enviada via correio ou sendo entregue a secretaria do curso, onde o mesmo comprove seu vínculo com o Campo.

No dia 8 de fevereiro de 2019 iniciou-se oficialmente nosso primeiro Tempo Escola presencial dentro da UFMG, era uma experiência completamente diferente de tudo aquilo que estávamos acostumados. Fomos recebidos pela turma da LAL (Linguagens, Arte e Literatura), que se formou no primeiro período de 2022, sendo a turma que antecedeu a minha e apadrinhou nossa recepção na Faculdade de Educação. Nas primeiras semanas ficamos completamente perdidos dentro da universidade, não sabíamos quais ônibus pegar e nem como chegar aos restaurantes da universidade, mas logo fomos aprendendo a lidar com tudo isso.

A gente se divertia muito nas horas vagas nas moradias, nos reuníamos para jogar bola na quadra, cantar no salão das moradias, íamos ao centro esportivo universitário, cinemas, no parque e tive a oportunidade de realizar um

sonho de criança que era presenciar o time do Cruzeiro jogar ao vivo no estádio do Mineirão.

Infelizmente pouco depois disso tudo nos foi tirado devido à pandemia da Covid-19 que nos fez termos que nos adaptar a uma nova realidade, adotar novas medidas como o distanciamento e o isolamento social e a suspensão das aulas presenciais por dois anos. Para que fosse possível dar continuidade ao nosso calendário estudantil foi aderido pela UFMG o Ensino Remoto Emergencial (ERE) onde o curso de Licenciatura em Educação do Campo iria dar início à volta às aulas no dia 1 de janeiro de 2021.

Embora o ERE tenha nos permitido dar continuidade aos estudos abrindo o nosso terceiro período durante a pandemia ele também pode ser considerado, em minha opinião, o mais difícil enfrentado até hoje, talvez pelo fato de ser mais extenso, ou dos problemas de conectividade, da falta de tempo e também da pressão psicológica na qual fomos submetidos. Pouco após o início do quinto período comecei a ter alguns problemas quanto ao seguimento do curso, ainda morava com meus pais no Campo e minha internet não estava sendo suficiente para acompanhar as aulas remotas, como nessa época eu já trabalhava com meu pai, chegava tarde em casa e com o acúmulo de atividades e a péssima acessibilidade à internet que eu tinha acabei não conseguindo dar seguimento no período.

Incentivado pelos amigos, pela minha família e principalmente pelos meus pais, acabei retomando os estudos, no mês de julho de 2022 nossas aulas presenciais retornaram, foi possível fazer um grande reencontro com a turma. Apesar de alguns alunos terem desistido, a maioria seguiu com os estudos e agora seguimos na reta final do nosso curso já fazendo planos para a formatura.

Hoje tenho 23 anos, moro com meu irmão no centro urbano da cidade de Piranga – Minas Gerais (MG), trabalho como motorista há quase dois anos, tenho dois cursos técnicos ambos realizados pelo Instituto Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), sendo um de Meliponicultura¹ e outro de

¹ Meliponicultura - criação de abelhas nativas sem ferrão ou abelhas indígenas. Uma alternativa para a agricultura familiar que auxilia na diversificação da renda, por meio da comercialização do mel e derivados, ao mesmo tempo em que preserva o meio ambiente, com a prestação de serviços ambientais, agregando valor à produção.

Empreendedorismo Financeiro. Estou me preparando para entrar na carreira policial e no dia 7 de maio deste ano estive em Belo Horizonte realizando minha primeira prova voltada para a área.

Como meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), escolhi como tema de pesquisa algo que se relacione com a Educação do Campo e que possa contribuir com o seu desenvolvimento de alguma forma colocando em questão um grande problema enfrentado recentemente diante da maior crise sanitária já enfrentada no século atual. Nessa perspectiva acredito que seja relevante fazer uma análise de qual foi o papel da escola, do professor e do aluno durante esse período com objetivo de ponderar algumas problemáticas encontradas e possíveis métodos e recursos que contribuíram para superar os obstáculos encontrados.

Sendo assim, tomarei como objetivo para dar seguimento da monografia a busca em compreender como se adaptaram às práticas pedagógicas aos recursos disponíveis no contexto da pandemia levando em consideração a desigualdade social como obstáculo, como se posicionaram os docentes e qual a relevância do seu papel nesse momento de fragilidade, quais foram os principais desafios enfrentados pelos professores e como os avanços na tecnologia se enquadraram neste contexto.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de carácter exploratório, cujas fontes de dados usados como base consistem em artigos, teses e documentos educacionais que estruturam a monografia. Para complementar a obra, duas entrevistas foram realizadas, ambas com um roteiro estruturado e direcionadas a dois professores da Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel, sendo a primeira uma professora que já atua há muitos anos na área da Ciências Sociais e Humanidades como professora de História e a segunda entrevista com um professor que atua há pouco tempo também pela área da Ciências Sociais e Humanidades como professor de Geografia e que enfrentou a transposição do ensino presencial para o ERE logo no início de sua carreira como docente.

De tal forma, vamos caracterizar melhor a cidade onde acontece a pesquisa, a escola a ser pesquisada, os conceitos da Educação do Campo e

principalmente as práticas pedagógicas no contexto da pandemia para que se tenha uma compreensão mais clara e objetiva sobre esta obra.

CAPÍTULO 1: A CIDADE DE PIRANGA: HISTÓRIA E CULTURA

Piranga é uma cidade localizada geograficamente na região sudeste de Minas Gerais (MG), mais especificamente na região da Zona da Mata. Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município tem uma população estimada em 17.641 habitantes e a área da unidade territorial estimada em 658.812 km². Por se tratar de uma cidade pouco desenvolvida, a agricultura familiar, o leite, o carvão e o café são as principais fontes de renda de boa parte dos habitantes da cidade, conseqüentemente isso faz com que a maioria dos habitantes encontrados na cidade residirem no Campo, conforme aponta a imagem segundo o que aponta o IBGE:

FIGURA 1: Divisão da população de Piranga-MG

Divisão da população (Censo de 2010)

Por sexo:

Homens: 8.647

Mulheres: 8.583



Urbana x Rural:

Urbana: 5.957

Rural: 11.273



	Piranga	Média MG	Média Brasil
👤 Homens	50,19%	49,20%	48,96%
👩 Mulheres	49,81%	50,80%	51,04%
🏘️ População urbana	34,57%	85,29%	84,35%
🌳 População rural	65,43%	14,71%	15,65%

Fonte: Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/piranga/pesquisa/23/27652?detalhes=true>. Acesso em 02 de maio de 2023.

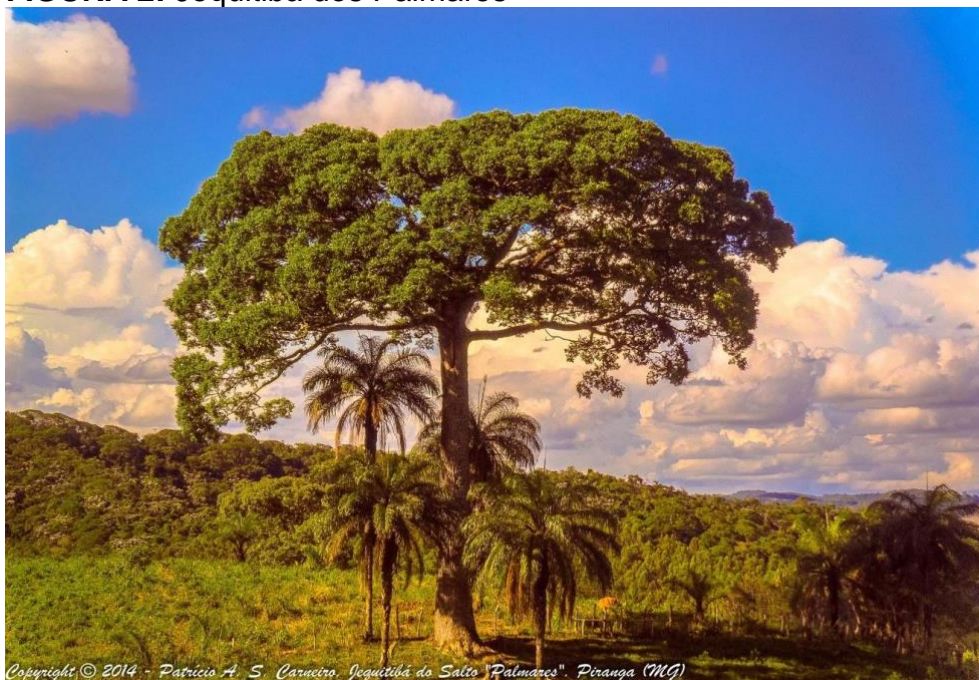
Na figura acima apresentas dados sociodemográficos de Piranga, inclusive relacionando-os com a conjuntura estadual e federal do Censo de 2010 do IBGE. Inclusive, mostrando que a população rural no município é superior às médias estadual e federal. De tal forma podemos considerar que outras atividades e áreas na cidade permutam em torno do que o Campo oferece, inclusive a Educação como vamos tratar mais adiante.

Segundo Neves (2002-2021), em sua matéria publicada no site oficial da prefeitura de Piranga, a cidade, inicialmente conhecida como Arraial de Guarapiranga, começou a ser povoada aproximadamente dez anos após a descoberta do ouro na região de Mariana - MG. Em seus anos iniciais, quando ainda se tratava apenas de um distrito que ainda pertencia ao município de Mariana, a atual cidade de Piranga, denominava-se Guarapiranga ou Arraial de Nossa Senhora da Conceição do Guarapiranga, uma referência à devoção de uma imagem da santa trazida ao Brasil pelos portugueses que se tornou a padroeira da cidade e ao pássaro Guará que predominava as margens do Rio Piranga.

Relatos sobre a história da cidade afirmam, ainda com base no artigo de Neves que, o Arraial de Nossa Senhora da Conceição foi fundado em 1704, ano

este que coincide com a descoberta e a lavra do ouro no Córrego das Almas que corta o centro da cidade. Poucos anos se passaram e o arraial já começava a crescer às margens do Córrego das Almas e da capela de Nossa Senhora da Conceição. No dia 16 de fevereiro de 1718, diante do decreto assinado pelo Rei Dom João V, foram instituídas as cinco primeiras paróquias de Minas Gerais e a paróquia de Guarapiranga estava entre elas. Outro importante acontecimento trazido por Neves em sua matéria é a morte do Coronel João Amaro Maciel Parente, ocorrido no dia 2 de fevereiro de 1721. Seu corpo foi enterrado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição e sua morte resultou na alforria dos escravos oriundos da região do Guiné, que em comemoração marcaram sua posse plantando um pé de Jequitibá denominado até hoje como Jequitibá dos Palmares para eternizar sua liberdade. Atualmente a árvore possui mais de 300 anos, 23m de altura e 6,20m de circunferência e é considerada patrimônio histórico, protegido por Lei e imune ao corte. O símbolo da Liberdade está localizado na comunidade do Palmeiras, antigo Quilombo do Santo Antônio do Guiné.

FIGURA 2: Jequitibá dos Palmares



Fonte: <https://www.facebook.com/pirangamg>. Acesso em 15 de abril de 2023

Mas, o autor traz também em sua matéria o maior e mais polêmico acontecimento histórico que marcou a história da cidade de Piranga. Ocorreu entre os anos de 1708 a 1710 na fazenda de Cutia, situada no distrito de

Bacalhau ou Santo Antônio do Pirapetinga. A comunidade virou palco para um sangrento e decisivo combate para dominar as jazidas de ouro entre os paulistas que já ocupavam a região e os Emboabas que na linguagem Tupi-guarani significa “estrangeiro”. É importante ressaltar que o artigo publicado pelo autor Thiago Dias Neves realizou sua pesquisa com base no Dicionário Geográfico e Histórico de Minas Gerais escrito pelo autor Waldemar Barbosa e Arquivo do Conhecimento de Cláudio Manuel da Costa.

Os repetitivos e inevitáveis combates entre os paulistas que já dominavam o território e os recém chegados acabou resultando em uma violenta guerra que durou cerca de dois anos. O Capitão-mor Rafael da Silva e Souza, português e líder dos Emboabas temendo que qualquer mal ocorresse contra o Arraial Guarapiranga como o incidente que ocorreu em Sabará onde os Paulistas, com objetivo de dominar as terras e o adversário incendiaram o local, conseguiu desviar o combate para a região de Bacalhau, atual comunidade de Santo Antônio do Pirapetinga. O último combate ocorreu, segundo relatos, no dia 22 de novembro de 1709 com a vitória dos estrangeiros, no entanto o conflito ainda se estendeu até o ano seguinte. Após a derrota, os paulistas forçados pela Coroa portuguesa tiveram de deixar as terras mineiras e seguiu a busca pelo ouro pelos estados de Goiás e Mato Grosso.

FIGURA 3: Monumento que representa o conflito final da Guerra dos Emboabas



Fonte: Acervo Pessoal

Recentemente a cidade de Piranga vem ganhando uma nova personalidade, diante da nova gestão várias reformas estão sendo realizadas na cidade, muitas para preservar os patrimônios históricos e únicos da cidade, assim como as cidades de Mariana e Ouro Preto, por exemplo, Piranga possui diversos “Casarões” e fazendas antigas, muitos até abandonados e que recentemente estão sendo reformados para manter a identidade da cidade. A cidade recebeu também um grande letreiro onde está escrito “Eu amo Piranga” juntamente de uma grande escultura do pássaro Guará, símbolo da cidade. A obra toda feita à mão foi realizada pelo artista piranguense que vem se destacando pelo seu trabalho em toda a região e está localizada no centro da cidade, na BR 482, que liga a cidade à Viçosa e ao Rio de Janeiro. A cidade atualmente recebe algumas grandes empresas que vem gerando muito emprego tanto para a população local quanto para as cidades vizinhas, o que contribui muito para o desenvolvimento da cidade.

Piranga, apesar de ser considerada uma cidade pequena e do interior, possui além de uma cultura rica e uma bela tradição. Além da tradicional festa do Piranguense, a cidade conta também com uma tradição passada por gerações na Festa do Congado onde prevalecem três fortes guardas, sendo a mais antiga na cidade a Guarda de Nossa Senhora do Rosário da Sede e também uma das mais antigas do estado de Minas Gerais, sendo fundada em 1758. Além do congado Piranga também possui três corporações musicais sendo elas a Corporação Musical de Santa Cecília, fundada em 1875, a Corporação Musical Nossa Senhora da Conceição do arraial de Pinheiros Altos e a Corporação Musical Bom Jesus de Santo Antônio do Pirapetinga.

1.1 Caracterização da escola a ser pesquisada

A Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel se localiza na comunidade de Carioca, na Zona Rural do Município de Piranga, a aproximadamente 13 quilômetros do perímetro urbano e atende cerca de dezesseis comunidades rurais em seu entorno.

Conforme relatam alguns arquivos, a Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel foi criada perante a lei nº 14.222 de 05/04/2002 cuja entidade defensora é o Estado de Minas Gerais, sendo fundada pelo Sr. Francisco Ferreira Maciel

na Fazenda de Paracatu, propriedade que pertencia aos seus pais. Vale destacar que estes são documentos encontrados somente na escola, que somam relatos acontecidos na época e que por sua vez não trazem nomes dos autores por não serem arquivos públicos e sim documentos que foram preservados na secretaria da escola.

Ao que se remete os relatos, em 1925 o Sr. Francisco fundou no porão de sua fazenda uma pequena escola no intuito de alfabetizar seus filhos e também os filhos dos seus empreiteiros, por onde se instaurou até o ano de 1963. Durante esse período, as professoras que atuavam na escola possuíam somente a 4ª série e além de alfabetizar os alunos também eram responsáveis por fazer a merenda quando haviam mantimentos. As salas eram multisseriadas e o que se ensinava na escola era somente o básico como escrever o próprio nome, o alfabeto, pequenos cálculos com adição, subtração, multiplicação e divisão e a ler textos pequenos quando possível.

Até então a escola não tinha nenhum reconhecimento do Poder Público e se manteve somente com recursos próprios e somente após o ano de 1963 a escola passou a funcionar em parceria com a Prefeitura Municipal, onde a partir de então passou a ser denominada Escola de Paracatu.

No ano seguinte a Escola de Paracatu passou por um processo de transferência, onde deixou de pertencer às propriedades do Sr. Francisco e se instaurou em um paiol com uma estrutura um pouco melhor do que a antiga, situado poucos metros adiante da antiga sede na propriedade do Sr. Roque Felisberto por onde permaneceu até 1981, agora oferecendo dois turnos.

Em 1967 a Prefeitura Municipal da cidade assumiu todas as responsabilidades legais referentes à Escola de Paracatu até o ano de 1986.

Com o grande aumento no número de alunos, a escola se viu obrigada a buscar um novo ambiente mais espaçoso, sendo novamente transferida a uma nova propriedade. Desta vez a Escola de Paracatu foi transferida às terras do Sr. José Campos por onde permaneceu até o ano de 1999.

No ano de 1987 a Escola deixa de ser responsabilidade da Prefeitura Municipal e passa a ser responsabilidade legal do Estado diante do Decreto Estadual nº 26.749 de 13/03/87 com autorização de funcionamento de acordo com a portaria nº 670/87 publicada no MG 20/04/87. A partir de então a escola

deixa de ser municipal e passa a ser intitulada Escola Estadual do Paracatu ofertando o Ensino Fundamental I (1ª a 4ª série).

No entanto, mesmo diante de tantas melhorias e progressos um grande problema ainda prevalecia, a distância entre a casa dos alunos e a Escola se tornava algo desafiador. Relatos de moradores afirmam que muitos alunos andavam mais de uma hora deslocando-se de suas residências até a escola. Diante de tal fato, os pais dos alunos resolveram se reunir e exigir do Poder Público que um novo prédio fosse construído com capacidade para receber todos os alunos e que se localizasse mais próximo da maioria. Assim ficou decidido que a comunidade de Carioca seria ideal para receber o prédio, pois se localiza próximo às demais comunidades e o acesso era mais fácil.

Registros da Escola apontam que a obra foi iniciada no ano de 1999, mas diante do descaso do Poder Público, ficou interditada por um período e somente teve continuidade após a mobilização da população que obtiveram uma ordem judicial para a continuação da obra que foi concluída e cedida ao Estado no ano de 2000 e diante da solicitação feita à Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG) a Escola passa a ser denominada Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel, conforme a lei nº 14.222 de 05 de abril de 2002, em homenagem ao Sr. Francisco Ferreira Maciel, fundador da escola.

Aos poucos a Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel começava a alcançar novos níveis, muitas melhorias foram implementadas na escola e um novo ritmo passou a ser seguido a partir de então. Contudo, a Escola ainda carecia de grandes avanços para que fosse possível oferecer uma Educação Básica de atendesse às demandas exigidas pela população, isso porque a Escola ainda nessa época, ainda só ofertava os anos iniciais do Ensino Fundamental e os alunos que quisessem dar continuidade à sua formação deveriam ser transferidos para a Escola Estadual Francisco Sales Ferreira, localizada no distrito de Pinheiros Altos, onde se encontrava a escola mais próxima que oferecia o ensino completo ou para a Escola Estadual Coronel José Ildelfonso situada no centro urbano da cidade de Piranga.

No ano de 2007, conforme a Resolução SEE nº 874 de 17 de janeiro de 2007 a Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel conseguiu agregar à sua grade estudantil os anos finais do Ensino Fundamental, o que já foi um grande avanço para a escola localizada na comunidade de Carioca. Três anos após a escola

completou sua grade da Educação Básica com a implementação do Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) conforme Resolução N° 874 de 2010.

Sobre a estrutura da escola, sua infraestrutura conta com 11 salas de aulas, 1 diretoria, 1 secretaria, 1 sala de supervisão, 1 sala dos professores, 1 biblioteca, 1 cozinha, 1 dispensa, 1 sala de informática, 1 pátio, 1 refeitório, 5 banheiros sendo 1 masculino e 1 feminino destinado aos alunos, 1 banheiro masculino e 1 banheiro feminino destinado aos professores e 1 banheiro para os serviçais, possui também 1 quadra coberta e com arquibancada para as aulas de educação física.

1.2 A comunidade de Carioca

A Comunidade de Carioca vem se desenvolvendo gradativamente com o decorrer dos anos. Apesar de ser uma comunidade pequena, atende diversas outras comunidades em seu entorno devido a sua infraestrutura.

Recentemente a comunidade passou por um grande processo de restauração diante da nova gestão do município que vem fazendo um grande trabalho. A comunidade recebeu a implantação de uma pequena praça de lazer para os moradores com uma academia ao ar livre, além da praça um calçamento foi realizado em boa parte da comunidade melhorando o tráfego de veículos e pessoas no local.

A comunidade de Carioca conta com uma capela que tem como padroeiro São João Batista, além da capela, possui também a Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel (EEEFM), onde cursei o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio; uma Unidade Básica de Saúde (UBS), um campo de futebol e três pontos comerciais no entorno da escola.

As atividades mais comuns na comunidade são a agricultura e o leite, de onde boa parte da população local tira seu sustento. Durante um determinado período do ano boa parte da população que reside na comunidade vão para a colheita do café em outras comunidades como a comunidade do Mata Onça, onde a Fazenda Macena possui um vasto cafezal e gera bastante emprego

durante um bom período de tempo. Na maioria das vezes, são as mulheres que se deslocam de sua comunidade para trabalhar nesse período de colheita, isso porque os maridos dessas mulheres já possuem um outro tipo de trabalho informal.

As fazendas presentes na comunidade e em comunidades vizinhas também são grandes geradoras de emprego para a população local que muitas vezes opta por esses serviços informais devido ao baixo grau de escolaridade que as gerações mais velhas possuem.

Como a comunidade não se localiza muito próximo ao centro urbano da cidade, a comunidade conta com um ônibus que sai da comunidade vizinha denominada Vargem do Engenho e passa por essa e outras comunidades de segunda a sexta-feira no horário das 07 horas da manhã e retornando após às 13 horas.

A comunidade de Carioca apesar de receber um número grande de pessoas diariamente devido a escola e ao posto de saúde, ainda é uma comunidade considerada pequena. Um dos principais motivos relacionados à essa causa é o êxodo rural, que tem feito com que as novas gerações deixem a comunidade para buscar emprego em outros lugares e em cidades vizinhas como a cidade de Moeda, Mariana, Viçosa, Conselheiro Lafaiete, etc.

CAPÍTULO 2: SOBRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Este capítulo tem como objetivo contextualizar a Educação do Campo de modo que o leitor compreenda de forma mais clara e objetiva a razão pela qual a pesquisa realizada na Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel a classifica como Escola do Campo aferindo com a metodologia do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LeCampo).

2.1 Contextualizando a Educação do Campo

A Educação do Campo é compreendida como uma modalidade educacional vista como forma de resistência e reconhecimento do povo camponês. Nesse sentido, vale ressaltar que a Educação do Campo é classificada como uma política pública que assegura o direito à educação aos sujeitos do campo e que carecem desse direito no mesmo nível que ele é ofertado no espaço urbano. Para compreender melhor de onde surgiu a necessidade de criação de um método educacional voltado para a população que ocupava os espaços rurais, Souza (2008, *apud* Leite, 1999, p.43) contextualiza que:

Na trajetória da educação rural, o homem do campo foi concebido como exemplo do atraso, e a política educacional se organizava em conformidade com os interesses capitalistas predominantes em cada conjuntura. Nos anos de 1960, Freire "(...) revolucionou a prática educativa, criando os métodos de educação popular, tendo por suporte filosófico-ideológico os valores e o universo sociolinguístico-cultural desses mesmos grupos". (SOUZA, 2008, p.1093 *apud* LEITE, 1999, p.43).

É importante evidenciar que a denominação “Educação do Campo” não se limita somente à localização do espaço onde a modalidade é ofertada, ela está vinculada ao respeito pela cultura, pelos aspectos sociais, diversidade e tradição do camponês. Segundo o que afirma Souza (2008, p.1093), é preciso evidenciar que as modalidades “Educação do Campo” e “Educação Rural”, embora se assemelham e por muitas vezes são confundidas ainda sim consistem em modalidades diferentes entre si. Dessa forma, podemos dizer que a Educação do Campo possui um público alvo específico em contramão da Educação Básica em si que não se especifica aos alunos advindos do Campo ou da Cidade.

Os Movimentos Sociais envolvidos nesse processo tiveram um papel fundamental durante o processo de reconhecimento da Educação do Campo como uma necessidade ao povo camponês e a promulgação do Decreto 7.352 de 4 de novembro de 2010 foi instituído como um relevante marco nessa conquista caracterizando e beneficiando milhares de pessoas e instituições como sujeito campo e escola do campo conforme declara o Artigo 1º:

.- **populações do campo**: agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural;

.- **escola do campo**: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo. (BRASIL, 2010, grifo nosso).

A Educação do Campo tem um importante papel na vida de quem reside no campo e usa dele para obter o seu sustento, pois sua política tem por objetivo valorizar e preservar a cultura do camponês, educando e incentivando a agricultura familiar e as relações do homem com a natureza. Isso contribui para que a sociedade tenha nova visão sobre a importância que o Campo tem e faz com que as novas gerações permaneçam no Campo, evitando sair para a cidade em busca de emprego como é muito comum de se ver na comunidade onde moro.

A cidade de Piranga tomada como exemplo, está situada a 169 km da capital mineira na região da Zona da Mata e como já foi observado no capítulo anterior a população que reside no Campo no município é muito superior à população que reside na área Urbana conforme aponta o Censo do IBGE/2010. Sendo assim fica eminente a importância do Campo e a necessidade de uma Educação voltada para ele em nossa cidade, para que assim a população tenha uma nova visão sobre o espaço onde vivem e deem mais valor a riqueza que temos.

Atualmente a Educação do Campo se faz mais presente nas instituições espalhadas pelo país. Após a promulgação do Decreto 7.352, a Educação do Campo obteve o reconhecimento dos seus princípios no que diz respeito o Artigo 3º prescrito na Legislação:

Caberá à União criar e implementar mecanismos que garantam a manutenção e o desenvolvimento da educação do campo nas políticas públicas educacionais, com o objetivo de superar as defasagens históricas de acesso à educação escolar pelas populações do campo. (BRASIL,2010).

Logo após a promulgação do Decreto, os Movimentos Sociais com o objetivo de colocar em prática o que descreve a lei, convocaram o Ministério da Educação (MEC) para tratar sobre possibilidades de como impulsionar a modalidade.

A partir de então, as Escolas de Famílias Agrícolas (EFAs) com práticas totalmente voltadas para a Educação vinculada ao Campo e até mesmo as Escolas de Educação Básica que possuem um número mais elevado de alunos que moram no Campo ganham mais força e reconhecimento.

2.2 As práticas pedagógicas no contexto da pandemia

Antes de dar seguimento no capítulo explicitando como se consolidaram as práticas pedagógicas durante o período da Covid-19, é importante conceituar o que são as práticas pedagógicas, qual sua relevância e como ela se faz presente na Educação do Campo.

Esse conceito nos leva a refletir que, para tratarmos das práticas pedagógicas devemos buscar compreender como se baseiam os conhecimentos do docente e como se consolida sua formação. Outra questão pertinente na qual devemos ter uma atenção minuciosa é sobre qual visão temos da sociedade à nossa volta, como queremos ver essa sociedade no âmbito educacional e como podemos intervir nesse processo.

Nesse sentido, é possível afirmar que as práticas pedagógicas em si, não possuem um único conceito que as definem, pois, a mesma consiste em uma estratégia de adaptação que varia conforme as necessidades do docente em educar o aluno e do papel que o aluno assume diante do docente. Nesse sentido, podemos compreender as práticas pedagógicas conforme expressa Fernandes (1999, p.159 *apud* VERDUM, 2013, p.94):

[...] prática intencional de ensino e aprendizagem não reduzida à questão didática ou às metodologias de estudar e de aprender, mas articulada à educação como prática social e ao conhecimento como produção histórica e social, datada e situada, numa relação dialética entre prática-teoria, conteúdo-forma e perspectivas interdisciplinares. Fernandes (1999, p.159 *apud* VERDUM, 2013, p.94).

Sendo assim é possível chegar à conclusão que, as práticas pedagógicas que vivenciamos na era contemporânea já não são mais as mesmas que encontrávamos no século passado, obviamente sempre haverá algumas que prevalecerão devido seu grau de eficiência, e as práticas pedagógicas que encontramos hoje, certamente não serão as mesmas do próximo século. Como já foi dito elas terão de se adaptar às condições as quais serão submetidas futuramente, aos acontecimentos relevantes na história, aos avanços tecnológicos e principalmente ao que atraem a atenção da população no espaço tempo em que se enquadram.

Se tratando dos resultados alcançados pelas práticas pedagógicas, vale ressaltar que uma boa formação, a capacitação e a habilidade em usar o período

vivenciado e o ambiente à sua volta fazem grande diferença no processo de ensino e aprendizagem. Isso justifica muito o fato de muitos docentes estarem buscando mais se capacitarem e dominarem as Mídias Digitais, pois com o grande avanço na área da tecnologia na atualidade esse recurso pode ser muito eficiente para levar a educação até os estudantes.

É importante destacar que as práticas pedagógicas possuem uma ligação direta com o que conhecemos por Processo de Ensino e Aprendizagem, nesse sentido pode-se afirmar que uma boa relação entre professor e aluno resulta em aulas mais produtivas, isso acontece porque o aluno aprende o que o professor tem a ensinar de acordo com seus conhecimentos e do que ele tem a ser compartilhado e o professor aprende com o aluno, baseando-se na sua afetividade, experiências, modo de criação, etc.

Em função do que já foi exposto até agora, podemos afirmar então que não há uma definição única quando se trata das práticas pedagógicas, isso porque toda estratégia, recurso ou técnica utilizada no intuito de compartilhar conhecimento com outra pessoa pode ser considerada um tipo de Prática Pedagógica e que elas variam de acordo com as necessidades, os recursos disponíveis e a realidade que a sociedade está submetida.

Levando em consideração o tema principal da pesquisa, “Educação em tempos de Pandemia” e abordando a Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel como uma Escola do Campo no cenário da pandemia, podemos identificar diversos obstáculos que emergiram nesse contexto.

A disseminação do novo coronavírus (Covid-19) foi considerada, segundo o que afirmam Lopes *et al.* (2021, p.4), como pandemia no dia 11 de março de 2020. Diante de uma propagação em massa e um aumento significativo no número de óbitos, o mundo se viu obrigado a adotar radicalmente medidas para conter a propagação de uma doença extremamente contagiosa na qual até mesmo os pesquisadores ainda tinham tão pouco conhecimento.

No que se refere ao Brasil, ainda no mês de março o país rapidamente passava a aderir às primeiras medidas de prevenção fazendo vigente o cumprimento da ordem imposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS), paralisando quase todos os setores e suspendendo a realização de atividades de forma presencial alterando profundamente os processos de ensino e aprendizagem tanto na Cidade quanto no Campo.

A pandemia da Covid-19 transmutou completamente o itinerário da sociedade a partir de então. Muito se ouviu falar durante esse período sobre “reeducar” a população quanto aos hábitos de higiene, isso porque adotar novos hábitos de higiene era uma das medidas mais eficientes para se conter a contaminação da doença até que uma vacina fosse elaborada para conter o vírus. O uso de máscaras e de álcool em gel se tornaram indispensáveis ao sair de casa quando se era necessário e as demonstrações de afeto e companheirismo como os abraços e aperto de mão perderam seu espaço para os cuidados e empatia com o próximo.

Não demorou muito para que as escolas espalhadas pelo país e pelo mundo se tornassem ambientes desertos com a suspensão das aulas e por um longo período de tempo isso prevaleceu para que os alunos e todos os que atuam na escola tivessem sua saúde preservada. É importante ressaltar que essa medida foi tomada não só nas escolas, mas em quase todos os setores que ofereciam um maior risco de contágio da doença pelo vírus.

Diante da necessidade em dar seguimento nas atividades em diversos setores, novas estratégias começaram a ser adotadas nesse contexto. Usando a tecnologia como principal recurso a favor da sociedade, diversas áreas de atuação investiram na proposta do *home-office* que possibilitava a colaboração do sujeito sem que o mesmo colocasse sua vida em risco, afinal a preservação da vida deve se sobrepôr diante de qualquer situação.

Todavia, no que se refere à Educação Básica em no Brasil, as ações adotadas pelos órgãos responsáveis não foram suficientes para levar qualidade de ensino aos camponeses conforme o planejado. Infelizmente nosso país dispõe de um grave problema relacionado a igualdade social e à divisão de riquezas entre os brasileiros, fato que se tornou um grande obstáculo para a Educação do Campo durante a pandemia conforme afirma Freitas, (2007, *apud* Moreira e Soares, 2021, p.3):

A educação no meio rural brasileiro é marcada por um quadro extremamente precário, refletindo os graves problemas da situação geral da educação brasileira. Embora a sua trajetória comece no início do século XX, nenhuma das iniciativas alterou positivamente esta situação, ao contrário, muitas delas ajudaram a reforçar as sérias desigualdades que marcam o campo no Brasil. Se o quadro geral da educação no país ainda apresenta graves problemas, no campo esses problemas são ainda maiores (FREITAS, 2007, p. 18).

Diante de tal afirmação, surge a primeira importante problemática que deve ser levada em consideração, a desigualdade social presente no Brasil sempre foi um grande desafio para a educação principalmente quando se refere ao Campo. Além dos problemas comuns como más condições nas estradas, chuvas e outras condições climáticas, as escolas do Campo sofrem com o descaso do governo. Felizmente nos últimos anos em que o Partido dos Trabalhadores (PT) assumiu o poder, novas políticas que amparam a Educação do Campo vêm sendo instauradas, contudo ainda não são suficientes para equiparar a qualidade de ensino entre Campo e Cidade.

Problemas relacionados à conectividade dos professores e alunos também são grandes interventores nesse processo, isso porque no Campo são poucos lugares onde o acesso à internet é encontrado, além disso nem todos os alunos possuem condições para manter uma rede de dados no celular para acompanhar as aulas e as atividades de forma remota o que implica bastante o condicionamento das atividades em um contexto como o da pandemia.

CAPÍTULO 3: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA E.E. FRANCISCO FERREIRA MACIEL EM TEMPOS DE PANDEMIA

No decorrer deste capítulo será apontado a principal trajetória que levou ao esclarecimento da principal pergunta de pesquisa: Como a pandemia influenciou o condicionamento das práticas pedagógicas no contexto das aulas remotas?

3.1 Percurso Metodológico

A pesquisa nos traz até aqui, conceitos importantes para que possamos compreender e contextualizar o que são as práticas pedagógicas. No que se refere a Educação do Campo, seu papel é fundamental para fortalecer os vínculos entre professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem, desse modo fica evidente que o domínio dessas práticas pedagógicas pode cativar mais o interesse do aluno e proporcionar um ensino mais produtivo e dinâmico.

Vale ressaltar que no decorrer desta pesquisa não só contextualizamos o conceito de práticas pedagógicas e suas importâncias, como também nos

caracteriza a Educação do Campo e sua forma de egresso em uma instituição como a UFMG diante dos termos legais.

A metodologia utilizada consiste em uma pesquisa de carácter qualitativo que, segundo Minayo (2001, p.22), “aprofunda-se no mundo de significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, medidas e estatísticas”.

Em determinadas passagens do texto, a metodologia de pesquisa se assimila a outros princípios, abordando conteúdos mais ricos em informação e mais seguros propriamente dito. O método ao qual nos referimos trata-se do estado do conhecimento, conforme contextualiza o trecho abaixo:

[...] Estado de conhecimento é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica. Uma característica a destacar é a sua contribuição para a presença do novo na monografia. (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p.155)

A estratégia usada em assimilar tal metodologia de pesquisa, consiste na segurança em trazer ao corpo do texto dados concretos e verídicos já concretizados em outras pesquisas já que o processo de escrita dessa obra se inicia pouco após o fim da pandemia, assunto relevante no texto sobre o qual ainda não se sabia muito a respeito.

Afim de evitar que as matérias usadas como base nesta pesquisa tornassem-se artigos fraudulentos ou artigos levados pela onda das Fake News, que circularam muito durante a pandemia, tomou-se o cuidado pela busca de plataformas como a Revista Brasileira de Educação do Campo, Gestrado UFMG, Revista Emancipação e Revista Retratos da Escola, ambos projetos elaborados por instituições federais que prezam pelos termos legais na divulgação de seus artigos para obtenção de informações necessárias.

Retomando o método primordial da pesquisa, que leva em consideração o carácter qualitativo, é importante evidenciar que, para levar maior conforto e segurança aos envolvidos no processo de pesquisa, foi adotado o modelo semiestruturado, que consiste na elaboração de roteiro prévio e flexível que discorra subjetivamente sobre a questão apontada, mas que também abram

espaço para que o entrevistador e o entrevistado abordem questões fora do que havia sido planejado.

[...] A través dela, o pesquisador busca obter informes na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. [...] (MINAYO, 2001, p.57)

Nessa perspectiva, a pesquisa conta com uma entrevista realizada com dois docentes, ambos professores que atuam na Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel na área da CSH² e que realizaram atividades remotas no contexto da pandemia.

Devido ao fato de ter frequentado esta escola desde o 6º ano do ensino fundamental até minha conclusão no 3º ano do ensino médio e pelo vínculo afetivo que tenho com base nos entrevistados, não optei por abordar questões aprofundadas sobre a caracterização dos sujeitos envolvidos.

No intuito de não violar a privacidade e respeitar integridade dos sujeitos envolvidos, vamos preservar a identidade dos mesmos substituindo seus nomes por nomes fictícios para que o leitor possa fazer uma assimilação dos sujeitos em suas falas no decorrer da obra.

Para a realização das duas entrevistas foi utilizado o mesmo questionário para que se tornasse possível realizar uma comparação entre os pontos de vista entre os dois docentes sobre o método adotado pela escola em dar seguimento ao ano letivo de forma remota.

O objetivo das perguntas elaboradas consiste em obter informações sobre o método que os docentes encontraram para ministrar suas aulas no período da pandemia, tornando possível o seguimento do ano letivo. Levando em consideração que a EEFFM é uma escola do Campo situada na zona rural e que são poucos alunos que possuem acesso à internet, buscamos informações sobre como os conteúdos, atividades e trabalhos eram levados até aos alunos sem que os mesmos precisassem serem expostos no período da pandemia.

A escolha pelos entrevistados se deu da seguinte maneira, a primeira pessoa a ser entrevistada deveria ser um professor que já atua a bastante tempo

² CSH – Área de formação no Curso de Licenciatura em Educação do Campo que aborda as disciplinas de História, Geografia, Filosofia e Sociologia na formação de docentes.

nessa profissão, se possível na mesma escola e com as mesmas disciplinas, obviamente na área da CSH e que não utiliza muito a tecnologia como recurso para ministrar suas aulas dentro da sala de aula. Já a escolha pelo segundo entrevistado buscamos encontrar um professor iniciante na área da docência e que utiliza mais a tecnologia como recurso para ministrar suas aulas, também atuante na área da CSH. Sendo assim o objetivo geral da entrevista consiste em escolher dois professores de personalidades e métodos de atuação distintos e analisar como ambos se posicionaram diante do obstáculo pandemia na área da educação.

3.2 Aspectos gerais

Como já foi mencionado anteriormente, os nomes dos sujeitos envolvidos na pesquisa serão substituídos por nomes fictícios, prezando pela ética e pela privacidade dos mesmos. As demais informações aqui previstas foram transcritas diante de um consentimento por parte dos sujeitos que concordaram e subjugaram dados relevantes e fundamentais que contribuem com a metodologia adotada no procedimento de escolha dos entrevistados.

A primeira entrevistada será caracterizada como a “Professora Mais Experiente”. Essa professora possui 53 anos de idade, possui o ensino fundamental e o ensino médio completo e duas graduações ambas na área da CSH. Moradora da cidade de Piranga, esta professora enfrenta aproximadamente 13 km todos os dias a mais de 23 anos desde que começou atuar nesta escola. Apesar da estrada ser bem cuidada, devido ao fato da mesma ser o acesso principal entre as comunidades das proximidades e da sede do município, durante os períodos chuvosos é sempre um desafio se deslocar até a escola. Sendo habilitada para lecionar História e Sociologia, atualmente, a Professora Mais Experiente segue com as aulas de História na escola, que segundo ela também é sua preferida entre as duas.

Tal professora afirma que não se adapta muito bem em utilizar a tecnologia como recurso durante suas aulas, até usa algumas vezes os computadores da sala de informática em alguns trabalhos ou o Datashow durante uma aula ou outra, mas afirma que devido a sua falta de domínio e experiência na área, prefere optar por aulas voltadas mais para o modelo antigo

dentro de sala de aula com uso de livros didáticos e revistas para auxiliá-la e a participação dos alunos e que estimula a participação dos alunos em suas aulas usando dinâmicas educativas sobre os temas que deseja trabalhar. Durante nossa conversa em meio a entrevista, a Professora Mais Experiente afirma que até já tentou algumas vezes se adaptar à esses novos métodos de docência que usam a tecnologia a favor da educação e que quando usados de forma consciente trazem muitos resultados positivos, já que as novas gerações de crianças e adolescentes são muito ligados às redes sociais e se atraem muito por conteúdos que envolvam tecnologia, porém ainda se sente insegura ao adotar esses métodos, isso porque segundo ela, não possui domínio suficiente para trabalhar com esse modelo, o que resulta em insegurança por sua parte.

Uma afirmação da Professora Mais Experiente que vi relevância em ressaltar é que, “como professores, estamos sujeitos a lidar com todos os tipos de alunos, sejam eles mais dedicados e comportados ou desinteressados e arruaceiros”. Isso nos leva a refletir que a internet atualmente se torna um mar aberto a ser explorado e estamos sujeitos a todos os tipos de surpresas pelo caminho, boas ou ruins. Sendo assim, devemos estar aptos e preparados para evitar que nós, enquanto professores, nos tornemos inseguros diante de nossas turmas, sendo tomados pelo medo e pela insegurança e criando mais obstáculos que possam surgir e diversas vezes em nossa carreira e afetando nosso profissionalismo.

É importante que nós, assumindo papel de regentes de turmas saibamos usar os recursos que temos a nosso favor em prol de uma educação mais rica e produtiva. Adaptar-se ao “novo”, pode acabar se tornando uma experiência assustadora e difícil, presenciamos muito isso durante a pandemia. Mas afinal, o que seria esse novo? Este conceito bastante usado durante a pandemia se refere à experiência na qual nos sujeitamos ao sair de nossa zona de conforto e comodismo, ao adotar novas medidas, métodos e ações que não eram comuns em nossa rotina cotidiana e que traz insegurança ao adotá-las por não sabermos ao certo suas consequências que estarão por vir. Sendo assim quanto mais se souber a respeito dessa mudança e quanto maior o seu preparo diante dela, menor será a insegurança e maior as chances de os resultados serem positivos.

O segundo entrevistado, será caracterizado como “Professor Novato”. A escola por esse nome associado ao professor se deve a uma série de motivos,

tais como sua idade e sua carreira como docente. O Professor Novato ainda é um jovem de apenas 21 anos de idade, iniciou sua carreira na docência logo na pandemia da Covid-19. Egresso do LeCampo e aluno da CSH, este professor ainda não concluiu sua graduação, possui apenas o ensino médio completo. Assim que concluiu seu ensino médio, um pouco antes de ingressar na faculdade, este professor contou com algumas experiências trabalhando no campo durante alguns meses. Logo que saiu da escola, este jovem professor, seguindo o caminho de muitos moradores da comunidade de Carioca, decidiu deixar o conforto de sua casa e ir em busca do serviço pesado nas grandes fazendas da cidade de Moeda, conterrânea da cidade de Piranga. Esta cidade é bastante conhecida aqui pelo grande número de grandes proprietários de terras e fazendeiros que demandam de muita mão de obra para cuidar de seus terrenos, isso faz com que um grande número de trabalhadores em nossa cidade abra mão de trabalhar em sua cidade e migrem para lá em busca de emprego.

Logo que o Professor Novato iniciou sua graduação, retornou a sua comunidade natal e investiu em uma nova profissão após descobrir um novo talento como barbeiro. Tal profissão possibilitou que ele desse seguimento à sua faculdade e trabalhasse nas horas vagas para arcar com suas despesas.

Agora em sua reta final da graduação, o Professor Novato já atua como docente na Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel (EEFFM), com a disciplina de Geografia. O fato de sua casa ser próxima à escola em que atua torna possível se deslocar entre ambos em questão de minutos e apesar de enfrentar um trecho de estrada de terra, nos períodos chuvosos as condições climáticas não implicam em seu deslocamento até à escola.

O fato de o Professor Novato iniciar sua carreira profissional no período da pandemia, sua formação traz características importantes em seu modo de atuação, pois apesar de atuar como docente na EEFFM ele também vivenciou a experiência como aluno com as aulas remotas em seu curso. De certo modo, é possível afirmar que este fato possibilitou uma maior capacitação do Professor Novato quanto ao uso das plataformas das aulas remotas pelo fato de estar sempre ligado a elas seja como aluno ou professor, conseqüentemente lhe dando maior segurança e domínio a este método.

No entanto, o Professor Novato afirmou em determinados momentos da entrevista realizada que o fato de ter tido maior contato com estas plataformas

não foi suficiente para que ele ganhasse confiança em aderir métodos como este para trabalhar com suas turmas conforme veremos mais adiante.

3.3 Local das entrevistas

Levando em consideração que a entrevista com os sujeitos escolhidos seria realizada de forma presencial, afim de tornar a coleta de informações um momento mais cômodo aos envolvidos e produtivos a mim como entrevistador, foi-se realizada uma conversa prévia aos dois professores confirmando-se o consentimento em participar deste momento relevante da pesquisa e definindo a data e o local mais apropriado para ambas as partes. Considerando também que atualmente trabalho exercendo a profissão de motorista em um supermercado em minha cidade, foi necessário analisar a disponibilidade dos professores e um diálogo com meu patrão para que me concedesse um dia de folga para dedicar às atividades da pesquisa. O pedido foi concedido e no dia 26 de abril de 2023 foi realizada a primeira entrevista com a Professora Mais Experiente.

A pedido da professora, a entrevista foi realizada dentro da escola em uma quarta-feira. Se tratava de um dia passivo e propício para a realização da entrevista, pois a escola estava vazia devido às competições dos Jogos Escolares de Minas Gerais (JEMG).

O JEMG é programa criado pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social (SEDESE) juntamente com a Secretaria de Estado e Educação (SEE), que se resume em uma competição esportiva educacional onde é permitido a participação de escolas públicas e privadas com alunos frequentes no ensino fundamental e ensino médio de todos os municípios que constituem o estado de Minas Gerais. Trata-se de uma ferramenta pedagógica que tem por objetivo fortalecer o vínculo do aluno com a escola, estimular seu desenvolvimento, diminuir a evasão escolar e destacar novos talentos esportivos.

Como a professora possuía muitos horários vagos neste dia e a escola estava bastante vazia e silenciosa, foi possível realizar a entrevista sem interrupções e de uma forma bastante tranquila e produtiva.

Infelizmente não foi possível realizar as duas entrevistas no mesmo dia, devido o tempo demandado na primeira entrevista, já que ela foi realizada na parte da tarde. Sendo assim, tornou-se necessário remarcar a segunda entrevista para outro dia. Como a disponibilidade do Professor Novato e a disponibilidade do entrevistador não se coincidem devido ao emprego de ambos, ficou decidido que a entrevista seria realizada no feriado de 1º de maio, considerado dia nacional do trabalho e que ambos estariam disponíveis para a realização da entrevista.

A segunda entrevista foi realizada na casa do Professor Novato, que se localiza na comunidade de Carioca. Como somos conhecidos e amigos desde a época em que estudávamos na mesma sala, conhecia muito bem o caminho e consegui realizar com sucesso esta etapa da pesquisa.

3.4 Análise de dados coletados

Nesta etapa faremos uma análise comparativa entre o posicionamento da Professora Mais Experiente e do Professor Novato, considerando suas experiências e suas perspectivas diante das práticas pedagógicas adotadas no contexto da pandemia.

Como já foi abordado anteriormente, a pandemia da Covid-19 foi um período de grande fragilidade na vida de todos. As paralisações, os novos métodos de higiene pessoal e o distanciamento como medidas protetivas transmutaram rigorosamente o fluxo da sociedade moderna. Após esse acontecimento que marcou a história do país e do mundo, diversas medidas adotadas durante esse período não se perderam mesmo após a pandemia ter chegado ao fim e muitas destas medidas fazem parte hoje de nossas vidas cotidianas.

Apesar da pandemia ter sido reconhecida como a maior catástrofe sanitária do século XXI até o momento, alguns de seus reflexos podem ser vistos como positivos na perspectivas de alguns.

Levando em consideração que vivemos em uma era em que a tecnologia se faz presente a todo momento em nossas vidas, o seu uso de forma consciente fez possível o retorno de diversas atividades em nosso país, inclusive a área da educação. Deve-se constatar que infelizmente, em mãos erradas esse avanço

tecnológico só serviu para a propagação das Fake News que circulavam a todo momento durante esse período angustiante no qual enfrentamos e que, mesmo quando as intenções eram as melhores, desafios como a desigualdade social presente em nosso país tornavam vergonhosos os avanços da sociedade frente a outros países.

A Educação do Campo em nosso país conhece bem essa realidade e segue na luta pela resistência em conquistar seu reconhecimento e seu espaço. No contexto período em que a pandemia alcançava seu auge, o maior desafio que as escolas do campo como a EEFFM encontrava em seu caminho era: como seria possível dar continuidade nas aulas sem arriscar expor os alunos e o corpo docente diante em meio a uma doença que tampouco se sabia a respeito?

Nessa perspectiva, os avanços tecnológicos associados às práticas pedagógicas se destacavam como uma grande solução, no entanto, ainda devia se levar em conta de que escolas como a EEFFM ainda são escolas situadas no campo e que menos da metade dos alunos possuía internet em suas casas para acompanhar as aulas.

Mesmo assim, algumas tentativas foram realizadas, conforme apontam os dois professores entrevistados, a criação de grupos via WhatsApp com as turmas servia para aproximar os alunos aos professores, algumas aulas eram realizadas através de plataformas como Google Meet e Microsoft Teams, mas devido à falta de acesso de muitos alunos não era possível se quer cobrar a presença dos alunos devido ao fato de muitos residirem em locais onde não era possível o acesso à internet.

No intuito de auxiliar alunos e professores e amenizar este problema relacionado à conectividade dos alunos a SEE/MG elaborou um programa denominado Plano de Ensino Tutorado, que ficou conhecido popularmente como PET.

Conforme afirma a SEE/MG, 2020, p.7, os PETs se caracterizam por “um conjunto de atividades semanais que contemplam os componentes curriculares de cada ano de escolaridade”. Deste modo, o PET seria dividido em apostilas referente a cada ano a ser estudado, onde o aluno não necessariamente deveria acompanhar todas as iniciativas. A criação destas apostilas seria para auxiliar

os professores a padronizar e organizar suas aulas, não necessariamente segui-lo corretamente.

A princípio, quando a pandemia ainda estava em seu auge, a escola desenvolveu meios para fazer a distribuição destas apostilas, onde professores e funcionários seguindo os protocolos de segurança, levaram as apostilas nas casas dos alunos. A medida em que as medidas protetivas foram se flexibilizando, os próprios alunos passaram a buscar suas apostilas na escola, ainda sim mantendo a suspensão das aulas presenciais.

Como se tratava de medida emergencial adotada em uma situação extrema, era notável nas apostilas diversas implicações que dificultavam a realização das atividades por parte dos alunos. Nas primeiras semanas por exemplo, houve um grande número de reclamações por parte dos alunos em relação às apostilas se tratando de conteúdos as quais ainda não haviam estudado, muitas páginas com erros ortográficos e por vezes ou outra até faltando páginas.

Com o retorno das aulas presenciais a Professora Mais Experiente nos afirma que a dificuldade em lecionar os alunos elevou significativamente, segundo ela, os alunos regrediram muito. Ainda nos afirma que, após o retorno presencialmente, os alunos do ensino médio encontravam grandes dificuldades em realizar atividades que antes eram trabalhadas com turmas do ensino fundamental. E ao pergunta-la se em seu ponto de vista, a pandemia deixou algo de positivo para a área da educação, ela nos afirma não encontrou nada de positivo e que em sua concepção estaria sendo desafiada a recomeçar do zero o processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Ao perguntar a Professora Mais Experiente o que a pandemia nos trouxe de aprendizado e quais mudanças poderiam ser levadas do ensino remoto ao ensino presencial, tive a seguinte resposta: “Meu Deus! A pandemia só nos ensinou aqui dentro da escola a falta que um professor presente faz, é assustador o quanto os alunos regrediram, eles voltaram das aulas remotas sem saber fazer um zero na areia!”. Tal afirmação me trouxe uma reflexão importante sobre a questão educacional remota, será que realmente os alunos se importavam em realizar as atividades propostas para aprender ou simplesmente faziam as atividades muitas vezes colando até da internet ou do próprio colega quando era possível simplesmente para serem aprovados ao final do semestre?

O Professor Novato, ao ser questionado pela mesma pergunta, nos afirma que “no mundo moderno, tudo que vivenciamos nos traz algum aprendizado, inclusive a pandemia” e que em sua concepção muitos destes aprendizados foram levados para o modelo presencial. Um exemplo dado por este professor é o Home Office, um modelo que nos permite trabalhar, participar de reuniões e encontros on-line em qualquer parte do mundo dentro de nossas casas. Tal modelo ganhou força durante a pandemia e não perdeu seu valor mesmo após a consolidação do fim da pandemia. Contudo nos trouxe a seguinte afirmação em seguida: “Porém, eu conheço meus alunos e sei que nem a metade deles se esforçaram para realizar as atividades, apenas pesquisaram na internet para terminarem rápido as tarefas e lhes sobraem tempo para fazer coisas de seus interesses pessoais”.

O Professor Novato nos afirma que diante da sua familiaridade com as plataformas digitais, consegue fazer bom proveito do seu uso. Ele nos afirma que não se considera habilidoso em lidar com estas plataformas, mas consegue usa-las para o essencial. Segundo ele seu maior obstáculo não foi aprender lidar com as plataformas, mas sim os problemas ligados ao acesso à internet, que deixam muito a desejar devido ao fato de residir no campo.

Contraditoriamente, as realidades vivenciadas pela Professora Mais Experiente nos trazem outra perspectiva. Segundo ela durante o ERE, foram raros os momentos em que sua internet inviabilizou suas atividades durante suas aulas. Pelo fato de residir na cidade e possuir uma internet que atende bem suas necessidades, sempre que foi necessário era possível aplicar suas aulas sem perder a conexão com os alunos, no entanto, ela afirma que não se adaptou com as plataformas de forma alguma, afirmou encontrar muita complexibilidade em acessar as configurações dos aplicativos e afirma que as aulas por meio destas plataformas não atraem a atenção dos alunos que, sempre acabam se distraindo com outras coisas na internet.

Apesar de em alguns momentos as opiniões dos entrevistados se distinguirem bastante uma das outras, ambos afirmam que a escola não possui uma estrutura adequada para lidar com este tipo de Prática Pedagógica, segundo eles, não só a escola, mas o município em si necessita evoluir mais para que seja possível aderir esse método às escolas.

Ao questionar os professores sobre uma questão que os leva a refletir se fosse necessária uma nova paralização, após a experiência que tiveram durante a pandemia, ambos se consideravam mais aptos a lidar com estas novas plataformas novamente, a resposta obtida pela Professora Mais Experiente nos afirma que parcialmente se considera mais preparada a enfrentar a situação caso seja necessário e que tem buscado se aprimorar na área para não se submeter às mesmas condições de antes e sua fala foi a seguinte: “Deus me livre!... (risos), espero jamais ter que passar por isso de novo, mas se for preciso, agora já sei me virar com o básico e acredito que consigo dar conta do recado pois estou tentando fazer até curso em casa pra isso.”

Já o Professor Novato nos afirma que não, segundo ele, se especializar na área não resultaria em resultados diante da falta de interesse dos alunos e nos disse o seguinte: “Eu acho esta é uma questão que visa os dois lados, pois não adianta o professor se preparar para trabalhar com os alunos se os alunos não demonstrarem interesse nas aulas.”

Um fato curioso notado em meio às entrevistas é que segundo os professores as aulas presenciais resultam em maior cansaço físico, muitas vezes dores nas pernas, braços e cordas vocais, contudo ainda sim ainda é um método melhor de se trabalhar já que o ensino remoto, diferentemente do ensino presencial, gera maior cansaço psicológico, a carga horária se torna mais exaustiva e depois de um certo tempo em aula, até mesmo o professor acaba perdendo sua concentração.

Considerando os resultados obtidos com base nas entrevistas fica evidente que, apesar das estratégias adotadas durante o ERE tenham possibilitado o seguimento do ano letivo, na visão dos docentes este método não se faz muito eficiente, pois não induz o aprendizado aos alunos e sim os leva a realizar as atividades somente para conseguir aprovação nas disciplinas que compõem a grade curricular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados alcançados no procedimento de pesquisa pode-se afirmar que, se tratando da busca por conhecimentos sobre o conceito práticas

pedagógicas foi devidamente alcançado. A pesquisa serviu para destacar a importância no procedimento de preparação dos docentes para futuras carreiras na área da educação e que é de suma importância para os professores atentarem-se ao meio social em que vivem, na perspectiva de realizarem a aplicação de seus conhecimentos teóricos extraídos a partir de suas experiências vivenciadas e leva-los para dentro da sala de aula como ferramenta no processo de formação de novas gerações para a sociedade.

A realização desta pesquisa possibilitou compreender que as práticas pedagógicas não seguem um mesmo padrão, ou seja, os métodos usados no passado não são os mesmos usados nos dias atuais e as práticas usadas hoje podem não ser as mesmas a serem usadas futuramente. Isso porque à medida que a sociedade se desenvolve e se adapta à realidade que está a sua volta podem resultar no aparecimento e desenvolvimento de novas metodologias de ensino conforme destaca Caldeira e Zaidan:

[...] A prática se modifica mudando a maneira de compreendê-la. Essa nova compreensão da prática possibilita que o indivíduo reconsidere crenças e atitudes inerentes à sua maneira de pensar atual, sendo capaz de exercer uma influência prática. Assim, a relação teoria-prática é entendida como uma troca bidirecional: a deliberação prática está informada não só pelas ideias, mas também pelas exigências práticas de cada situação, uma vez que o juízo crítico e a mediação do critério do ator são sempre indispensáveis. (CALDEIRA E ZAIDAN, 2010, p.1)

Nessa perspectiva, podemos compreender as práticas pedagógicas como uma prática social um tanto complexa que, segundo Caldeira e Zaidan (2010), pode vir a acontecer em diferentes espaço/tempo em um ambiente escolar, na vida dos alunos, professores e principalmente nas relações entre professor, aluno e conhecimento.

Esta pesquisa também nos leva a compreender que as práticas pedagógicas vão além do apenas conhecimento por parte do docente, ela nos leva a desenvolver habilidades fundamentais que nos auxiliam no processo de ensino e aprendizado e nos transmite a ideia de a formação de um professor nunca se dá totalmente por completa, já que sempre existem coisas novas a serem aprendidas e ensinadas das mais diversas formas e com os mais variados métodos imagináveis. Isso possibilita ao professor a adotar o método que julgar mais produtivo em suas aulas ou um método mais dinâmico que desperte mais

o interesse e a participação dos alunos ou até mesmo um método que se assemelhe mais à sua personalidade.

Durante o período da pandemia, questões ligadas ao desenvolvimento destas habilidades resultaram significativamente na adaptação dos professores ao sistema de educação à distância, onde nitidamente os professores que já vinham inserindo metodologias semelhantes às usadas durante o ERE tiveram menos dificuldade de se adaptar ao novo modelo.

Essa perspectiva nos leva a refletir sobre o quão é importante para nós como docentes e futuros docentes, buscar nos adaptar ao meio social no qual estamos inseridos e usar dele como ferramenta ao nosso favor. Além disso, nos leva a refletir também que a formação de um professor não se encerra ao finalizar faculdade, é sempre necessário buscar aprender coisas novas, para que de certa forma estejamos sempre o mais preparados possível para lidar com situações inimagináveis.

Com base nas respostas obtidas pelos entrevistados durante a pesquisa, afirmo que o resultado foi muito além do que eu pudesse imaginar. De certo modo, ao elaborar as questões do roteiro de pesquisa já imaginava uma visão negativa dos professores quanto ao modelo remoto, isso porque infelizmente a escola usada como referência na pesquisa não possui estrutura suficiente para adotar essa metodologia.

O fato de a escola se situar em uma comunidade no campo e receber alunos de dezenas de comunidades vizinhas já implica de alguma maneira no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. A cada ano que passa a escola vem se desenvolvendo, buscando melhorias para se capacitar a oferecer um ensino melhor aos alunos, contudo ainda se trata de uma escola do campo, que luta pelo seu reconhecimento e para ocupar seu espaço, enfrentando problemas sociais como a desigualdade ou o descaso político.

Teoricamente, a ideia de inserir o ensino remoto à metodologia de ensino da EEFM seria favorável aos alunos e professores, principalmente aos que residem longe da escola e se submetem às péssimas condições das estradas nos períodos chuvosos que inviabilizam o transporte escolar. Contudo, para que essa ideia se concretize de forma eficiente ainda seria necessário um grande avanço na realidade do nosso país na área educacional e no âmbito social por exemplo.

Sabemos que os avanços da tecnologia vêm trazendo consigo um grande desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem, ela auxilia não só o professor a elaborar suas aulas, atividades e avaliar seus alunos, quanto permite ao aluno ter maior acesso a informações de conteúdos aos quais não foram possíveis através do docente em sala de aula. Além disso, o modelo remoto ou o modelo híbrido permite ao docente realizar aulas em qualquer lugar do mundo, o que torna possível que o mesmo realize duas ou mais atividades ao mesmo tempo em casos extremos.

Acredito que diante de tudo que foi observado durante a produção desta pesquisa e do atual contexto em que estamos vivenciando diante da tecnologia, seria de grande valia e utilidade pública, inserir disciplinas voltadas à capacitação e domínio das plataformas de aulas virtuais, levando em consideração de que tais ferramentas se tornaram comuns e presentes na realidade dos docentes no contexto pós-pandêmico.

Ao me propor a pesquisas sobre as práticas pedagógicas me senti desafiado de várias formas, a primeira instância pela falta de tempo suficiente para fazer uma pesquisa detalhada que se fizesse suficiente para trazer mais informações ao corpo do texto. Tal elemento se tornou um grande desafiador ao âmbito de responsabilidade para com o desenvolvimento da parte escrita do trabalho, que muitas vezes me levou a trocar o tempo disponível para descansar em um momento oportuno para sua produção sendo conciliada à extensa carga horária no serviço.

Outro grande desafio se deve ao fato de a pesquisa ter se iniciado logo após ser concretizado o fim da pandemia da Covid-19, tornando mais complexas as buscas por informações concretas em meio às ondas de Fake News que circulavam a todo momento e que poderiam levar ao comprometimento da pesquisa.

Pesquisar sobre práticas pedagógicas se resume em um momento importantíssimo em minha carreira na área docente, trazendo contribuições fundamentais no meu percurso formativo e profissional pedagógico com elementos que serão levados durante toda minha carreira e de obras futuras que poderão surgir a partir desta obra.

Almejo com esta pesquisa, ir muito além de uma simples produção acadêmica necessária para minha formação, levando informação, conhecimento

e experiências tão relevantes quanto as que encontrei em outras produções pertinentes nesta monografia.

REFERÊNCIAS

ARQUIVOS E DOCUMENTOS. Escola Estadual “Francisco Ferreira Maciel”.

Arquivos e documentos. Acesso em: 17 de janeiro de 2023.

CALDEIRA, A.M.S.; Z Aidan, S. Prática pedagógica. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. D I C I O N Á R I O: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM. Disponível em: <https://gestrado.net.br/verbetes/pratica-pedag-gica/>. Acesso em: 23 de jun. de 2023.

Educação do campo e os efeitos da pandemia no trabalho docente: uma análise crítica necessária.

<https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/issue/view/780>.

Decreto-Lei nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Seção 1, nº. 212. Brasília, 2010.

FREITAS, Eliano de Souza M.; JUSTINO, Érica Fernanda; MARTINS, Maria de Fátima Almeida. **Escola da Terra: IV** Formação continuada de educadores do campo em Minas Gerais, 1ª Edição, Marília – SP, Editora Lutas Anticapital, fev. de 2022.

[História - Prefeitura Municipal de Piranga. \[online\]. Disponível em: https://www.piranga.mg.gov.br/historia/.](https://www.piranga.mg.gov.br/historia/)

História e Cultura. [online]. Disponível em: <https://sites.google.com/piranga.com.br/principal/hist%C3%B3ria-e-cultura>.

IBGE | Cidades@ | Minas Gerais | Piranga | Panorama. [online]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/piranga/panorama>. Acesso em: 3 de maio de 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Censo demográfico : Panorama/Piranga.** 2010. Brasília. Disponível em:< <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/piranga/panorama> >. Acesso em: 2 de maio de 2023.

MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA NO BRASIL: SABERESFAZERES ESCOLARES EM EXPOSIÇÃO NAS REDES. Revista Docência e Cibercultura, [Q.I.], v. 4, n. 2, p. 215-224, ago. 2020. ISSN 2594-9004. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/51026>>: <https://doi.org/10.12957/redoc.2020.51026>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 22, 1994. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo_2001.pdf. > Acesso em: 20 de junho de 2023.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI. **Educação do Campo: marcos normativos.** Brasília, 2012. Disponível em: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_educ_campo.pdf. Acesso em 20 de junho de 2023.

MOREIRA, A. D.; SOARES, J. de S. Educação do campo e os efeitos da pandemia no trabalho docente: uma análise crítica necessária (Countryside education and the effects of the pandemic on teaching work: a necessary critical analysis). **Emancipação**, [S. l.], v. 21, p. 1–18, 2022. DOI: 10.5212/Emancipacao.v.21.2118144.032. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/18144/209209216331>. Acesso em: 26 jan. 2023.

MOREIRA, Maria Eduarda Souza, et al. "Metodologias e tecnologias para educação em tempos de pandemia COVID-19." *Brazilian Journal of Health Review* 3.3 (2020): 6281-6290. <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/11584>.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 154–164, 2014. DOI: 10.15448/2179-8435.2014.2.18875. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/porescrito/article/view/18875>. Acesso em: 18 jun. 2023.

OLIVEIRA, D. A.; PEREIRA JUNIOR, E. A. Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 14, n. 30, p. 719–734, 2021. DOI: 10.22420/rde.v14i30.1212. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1212>. Acesso em: 26 jan. 2023.

PASINI, Carlos Giovani Delevati; CARVALHO, Elvio de; ALMEIDA, Lucy Hellen Coutinho. A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações. **Observatório Socioeconômico da COVID-19 (OSE)**, v. 9,

2020. <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/820/2020/06/Textos-para-Discussao-09-Educacao-Hibrida-em-Tempos-de-Pandemia.pdf>.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP). Escola Estadual “Francisco Ferreira Maciel”. **Projeto Político Pedagógico**. 2015, 40 p.

SEDESE, Jogos Escolares de Minas Gerais – JEMG. Disponível em: <https://social.mg.gov.br/esportes/jogos-escolares-de-minas-gerais-jemg>.

Acesso em: 22 de jun. 2023.

SOUZA , E. C. de; RAMOS, M. D. P. Trabalho docente em escolas rurais: pesquisa e diálogos em tempos de pandemia. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 14, n. 30, p. 806–822, 2021. DOI: 10.22420/rde.v14i30.1204. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1204>. Acesso em: 27 jan. 2023

SOUZA, M. A. DE. Educação do campo: políticas, práticas pedagógicas e produção científica. **Educação & Sociedade**, v. 29, n. 105, p. 1089–1111, set. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302008000400008>. Acesso em: 30 de junho de 2023.

UBS e população da cidade de Piranga/MG: Rural e urbana, homens e mulheres. [online]. Disponível em: <https://www.estadosecidades.com.br/mg/piranga-mg.html>.

VERDUM, P. de L. Prática Pedagógica: o que é? O que envolve? **Educação Por Escrito**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 91–105, 2013. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/poescrito/article/view/14376>.

Acesso em: 12 maio. 2023

APÊNDICES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de educação
Licenciatura em educação do campo
Ciências sociais e humanidades

Caro (a) professor (a),

Este questionário refere-se à pesquisa de campo para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC): **Educação do Campo em tempos de pandemia: um estudo sobre as práticas pedagógicas na educação básica** a ser apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – área de Ciências Sociais e Humanidades na Faculdade de Educação da UFMG.

Não será necessária sua identificação, pois a identidade dos sujeitos será preservada e os nomes substituídos por nomes fictícios.

Sem mais, agradecemos sua participação.

Questionário

1- Em sua opinião, o que a pandemia gerou de aprendizagem? E o que foi levado do ERE para o ensino presencial após a pandemia?

2- Como você classifica suas habilidades na utilização das plataformas digitais? Quais os principais desafios que você encontrou neste período?

3- Diante da sua experiência como professor durante e após o período da pandemia, qual método você considera mais cansativo e menos eficiente?

4- Quais mudanças você considera necessárias para tornar o ensino remoto mais produtivo e mais interativo com os alunos afim de melhorar os resultados obtidos?

5- Com base em sua experiência vivenciada durante a pandemia, você acredita que os alunos estavam buscando aprender com as atividades ou somente as realizavam afim de conseguir aprovação na disciplina? Comente a respeito.

6- Você teve problemas com seus aparelhos e equipamentos para realizar suas aulas de maneira remota? E com relação à sua internet?

7- Como foi a participação dos alunos durante o acompanhamento das aulas virtuais? E quais plataformas você utilizou?

8- Caso fosse necessário retomar o ERE, você se considera mais preparado (a) desta vez? Como acha que se sairia?

9- Considerando que a pandemia gerou diversos transtornos psicológicos para a sociedade, em algum momento alguma situação fez você pensar em abandonar sua carreira? Comente um pouco a respeito.

10- Você considera importante a implantação de disciplinas que capacitem professores a lidar com a tecnologia e as plataformas digitais assim como existem disciplinas na formação de professores para lidar com surdos e mudos?
